1.978 - ANO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE GUARATINGUETÁ

MUSEU " FREI GALVÃO "

INSTITUTO DE ESTUDOS VALEPARAIBANOS

Pr. CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 48, 1º ANDAR

GUARATINGUETÁ - ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

GUARATINGUETÁ
HISTÓRIA
XVII



G U A R A T I N G U E T Á
E O
C A F É

Thereza Regina de Camargo Maia

Os Aspéctos urbanos de nossa cidade, no início do século passado, antes que as plantações de café se expandissem por todo o município, são-nos fornecidos pelos diários dos viajantes Europeus, que, a essa época por aqui passaram.

Assim, ao viajante que, na década de 1810, visitasse Guaratinguetá, ela se apresentaria como a viram Spix e Martius em 1.817 - Uma vilazinha a que o dinheiro trazido pela exploração do açúcar e da aguardente já havia dado certo poder econômico, demonstrado pela existência de vidraças nas janelas, o que significava " abastança e até mesmo luxo", pois o vidro plano era um dos produtos importado da Inglaterra.

Já na década seguinte, precisamente em 1822, outro viajante Saint Hilaire, descrevia Guaratinguetá como uma vilazinha muito mais comprida que larga, com ruas estreitas. A "Vilazinha comprida " significava que Guaratinguetá se havia desenvolvido ao longo da estrada, já que o Vale do Paraiba, naquele tempo, não era mais do que um caminho de passagem...

Os métodos de construção eram rudimentares: "em Guaratinguetá as casas são de taipa," relata um viajante em 1817. Casas

que, descreve Saint Hilaire - são pequenas em sua maioria, / não são caiadas e só ao rez do chão, têm rótulas muito aperta-' das que segundo o hábito antigo, se levantam de alto a baixo / guarnecendo janelas e portas ". A construção das casas de taipa era feita pelos"taipeiros" profissionais, conhecedores dos segredos de sua fabricação: ao barro se juntava capim, crina, estrume de animais e até sangue. A taipa utilizada não construções do Vale do Paraíba é conhecida com o nome de " taipa de pilão "; para protege-la, as casas eram feitas com telhados de / largos beirais. As faces externas dessas paredes eram rebocadas com outro tipo de barro; em Guaratinguetá não eram caiadas. As aludidas rótulas e janelas conferiam às casas e ruas um aspécto característico, e é interessante notar aqui a existência delas' ainda no ano de 1.822, já que desde 1.808, tinham seu uso sus-' penso por uma portaria que as proibia em todo o território na-' cional.

As ruas raramente eram calçadas e serviam de traço de união entre os conjuntos de casas. A diferença entre uma rua e uma estrada, astava portanto, na existência de casas laterais. Havia padrões para as construções, de modo a"garantir à vilas e cidades brasileiras, uma aparência portuguesa". Daí a uniformidade das casas, como podemos ainda hoje observar na cidade histórica de Paraty.

Havia também outro tipo de habitação característico das pessoas mais abastadas: a moradia em chácaras situadas na periferia do centro urbano. Tais residências eram encontradas em / Guaratinguetá já no tempo dos engenhos, segundo afirma Lucille' Hermann: " surgem nos subúrbios da vila as primeiras chácaras,' ainda modestas, sem os assobradados e casas terreas importantes que o ciclo do café irá trazer para Guaratinguetá". Morar em / chácaras reunia as vantagens da proximidade do centro urbano,às facilidades do abastecimento e serviços de águas: à chácara sempre tinha sua nascente próxima, o que facilitava a vida dessa água para o serviço caseiro, ao passo que na vila esse abastecimento era dificultado pelo número de habitantes e pelo transporte da água, já que encanamentos não existiam nessa época.

Quanto ao comércio,lembre-se com Saint Hilaire que Guaratinguetá possuia vendas bem sortidas e que a cidade fazia al-' gum comércio, embora este só funcionasse em dias feriados e em domingos. Essa informação sobre vendas e casas fechadas nos ' dias úteis nos vem mostrar que Guaratinguetá, a exemplo de suas irmãs do Vale do Paraíba, tinham vida intermitente. Seus moradores viviam normalmente nas fazendas ou dispersos pela vizinhança. Somente procuravam o centro urbano aos domingos e feriados, tanto para o culto religioso como para o comércio de seus produtos. Abriam-se então as suas bem sortidas vendas. Quatro anos

depois, em 1.826, esse comércio parece-nos já bem aumentado, segundo os dados fornecidos pela Companhia de Ordenanças de Guaratinguetá. Vamos encontrar então 14 alfaiates, 8 carpinteiros, 3 marceneiros, 1 pedreiro, 2 sapateiros, 2 seleiros, 2 ourives e latoeiros, 3 farmácias e 1 olaria.

No campo da instrução, registra-se um total de 79 alunos cujo estudo era pago por seus pais a 3 diferentes professores, havendo também um professor de música e 1 pintor.

Dos engenhos descritos por essa mesma Companhia de Ordenanças, muitos estão em decadência, confirmando que quando o café começa a aparecer vai substituir de uma maneira violenta o açúcar". Lucille Hermann, que estudou o desenvolvimento de Guaratinguetá durante o período de 300 anos, julga que o ciclo do café, nessa cidade, deve ser estendido até 1920, sendo que o momento áureo do café no Vale do Paraíba se situa entre 1.845 e 1886. Acompanhando o desenvolvimento do Vale, Guaratinguetá sofre iguais efeitos. A produção do café em 1.836 é 22.442 arrobas, elevando-se em 1854 a 100.885 arrobas e em 1886, seu período áureo, a 350.000 arrobas.

À medida que os fazendeiros iam conseguindo mais lucros com a colheita do café, crescia paralelamente o intercâmbio entre Guaratinguetá e a corte do Rio de Janeiro. Esse intercâmbio se traduzia em maiores conhecimentos e maior cultura, manifestados em melhores formas de vida, que, por sua vez, eram representadas através de novas estruturas urbanas e sociais, o que trazia como consequência, maior movimento do comércio.

Foi, pois, em decorrência do café e da nova economia por ele trazida, que a antiga Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá pode conquistar um maior crescimento e apresentar uma nova organização urbana, já que, segundo afirmam os economistas, há " evidentemente uma relação entre os fatos da história urbana e os fatos da história econômica".

FONTE DE CONSULTA

Arquivo do Estado de São Paulo - Maços de População nº 55- 1826

Casal, Aires do - Corografia Brasílica - Fac-Simile da Ed. de 1817. p. 241

Geiser, Pedro Pinchas - Evolução da Rede Urbana Brasileira. MEC 1963. p.61

Hermann, Lucille - "Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num período de 300 anos," in Rev. da Administração" 1.948. SP. P. 64

Reis Filho, Nestor Goulart - Quadro da Arquitetura no Brasil. Ed. Perspectiva. SP. 1970. p. 24.

Saint Hilaire, A. de - Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo. (1822). Bibl. Pedag. Bras. 1.932. SP p. 144.

Spix, J. B. e Von Martius- Viagem pelo Brasil. Trad. do IHGB. RJ. IV. p. 188

COLECIONE ESTA SÉRIE DE MONOGRAFIAS

SOBRE

GUARATINGUETÁ

CONHEÇA E VALORIZE

SUA TERRA E SUA GENTE

1.978

ANO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

DO

VALE DO PARAÍBA